

Homenagem a José Craveirinha: uma evocação

António Guimarães Rodrigues

Ex.^{mo} Senhor Embaixador de Moçambique

Ex.^{mo} Senhor Presidente da Câmara Municipal de Guimarães

Ex.^{mo} Senhor Presidente da Associação Portuguesa de Escritores

Ex.^{mo} Senhor Presidente do Centro de Estudos Lusíadas

Caros presentes

Cumprimento os promotores e organizadores desta homenagem.

Não apenas por ser uma homenagem ao escritor e poeta José Craveirinha, mas por traduzir igualmente uma celebração da Lusofonia.

A Universidade do Minho desenvolveu desde sempre uma política de investimento nas suas Unidades Culturais, sem que para tal alguma vez tenha recebido orçamento específico quer do Ministério da Ciência e do Ensino Superior, quer do Ministério da Cultura.

Possui também a Universidade do Minho um Conselho Cultural, que inclui os responsáveis pelas Unidades Culturais, e que inclui no seu plenário membros externos à Universidade. Este Conselho Cultural, presidido pelo Prof. Lúcio

Craveiro da Silva, tem como missão assistir a Reitoria na definição da política cultural da Universidade.

É assim com satisfação, que a Universidade, através do Centro de Estudos Lusíadas, contribui e se associa a esta homenagem.

Craveirinha, nasceu em 1922 em Lourenço Marques, Moçambique, e morreu em Fevereiro de 2003, com 80 anos. Foi funcionário público, atleta, cronista desportivo e jornalista. Foi o primeiro Presidente da Associação de Escritores Moçambicanos.

Afrontou a censura, foi preso pela polícia política e denunciou as injustiças sociais que observou à sua volta.

Em 1949 foi preso por militar no MUD Juvenil de Moçambique e fazer propaganda do candidato da oposição à Presidência da República Portuguesa. Voltou a ser preso por «emigração clandestina» para a África do Sul.

Cumpriu, como poeta, como jornalista e como homem, inquietando-se e incomodando à sua volta.

Poderia concluir aqui a minha intervenção de louvor ao espírito do poeta e escritor referencial da cultura Moçambicana, dando espaço às intervenções dos oradores aqui presentes.

Acontece, porém, que Craveirinha nasceu e viveu no meu País de origem. Habitou a mesma cidade onde nasci, cresci e me fiz homem. O País onde, de “mufana” a “mulungo”, fui descobrindo o mundo para além do meu quintal, da minha rua e dessa “cidade das acácias vermelhas”.

Parti de Moçambique em Fevereiro de 1975.

Parti de Moçambique filho de um Moçambicano-Escalabitano, num percurso inverso ao do Pai Moçambicano-Algarvio que Craveirinha enaltece. Filho de uma terceira geração em Moçambique.

Os anos passaram.

Reencontrar África foi um imperativo.

Voltei em 1998.

Senti emoção em Mavalane (no aeroporto). Mesmo com os olhos fechados, o cheiro de África é único. Os “mufanas” no Aeroporto pediram-me umas moedas pelo transporte das malas. E a sugerirem que também aceitavam um “Gueterres”, referindo-se às notas portuguesas com imagem impressa.

Vi e revisei locais. As casas onde tinha vivido.

O Xipamanine, o Mercado Vasco da Gama, a Costa do Sol, Marracuene. a Namaacha. Não pude ir mais longe. As visitas eram de trabalho. A Universidade do Minho colocava em funcionamento, em Maputo, a 1.^a edição do seu Mestrado em Sistemas de Informação.

Voltei a Moçambique mais uma e ainda mais uma outra vez.

O que vi?

Vi um Homem Moçambicano que cresceu e que tomou conta do seu destino.

Convivi com o Homem Moçambicano que afirma existirem três nacionalidades: a Moçambicana, a Portuguesa e as Outras.

Senti o Homem Moçambicano afectivamente e emotivamente ligado a Portugal.

Um homem que facilmente compreendia que um hipermercado sul-africano pudesse ter enviado como dádiva géneros alimentares fora de prazo quando das cheias em 1998, mas que nunca o perdoaria a um Português.

Para perceber o poeta e escritor, é necessário perceber a sua época, o seu percurso, e a sua atitude face à história e aos dramas que decorrem à sua volta.

Em Craveirinha, importa também atender ao imaginário histórico.

Reza a história que os humanóides povoavam Moçambique há cerca de 2 milhões de anos, e que o *Homo Sapiens* aí se estabeleceu há pelo menos 100.000 anos.

Também, que os Bantus migraram para Moçambique há cerca de 2.000 anos, e que levaram consigo a utilização de utensílios de ferro e armas.

O final do primeiro milénio marcou o crescimento da actividade comercial na orla marítima através de portos comerciais de ligação a outras partes de África, ao Médio Oriente e à Índia. A influência árabe era marcante, e o Suahili a língua comercial.

Vasco da Gama aportou a estas paragens em 1498, na sua rota para a Índia.

Ao comércio do ouro e do marfim, foi acrescentado o tráfico de escravos por meados de 1700. Por esta época, tinha início a colonização do interior.

O início do século vinte marca o padrão da colonização moderna, orientada ao comércio e à exploração dos recursos disponíveis e a uma política agrícola orientada à produção de algodão e arroz, que veio a provocar fome generalizada nos anos 40 e 50.

O investimento social foi diminuto e reservado a sectores privilegiados.

Em 1960, a repressão de manifestações pacíficas provocou a morte de 600 pessoas e deu início ao movimento para a independência.

A luta armada pela independência das colónias portuguesas, foi factor determinante para a Revolução de Abril de 1974, em Portugal.

Moçambique tornou-se um País independente em 25 de Junho de 1975.

As convulsões da guerra civil que se seguiram fazem já parte da história recente.

É também recente a paz e a gradual recuperação económica e social do País.

Este é o lastro do imaginário histórico e cultural de Craveirinha.

São as suas raízes africanas. Raízes que assumiu plenamente.

Craveirinha defendia a coabitação dos valores africanos com os valores europeus. Defendia os valores da negritude e do nacionalismo africano. Repudiou o desprezo dos africanos pela sua cultura.

A colonização portuguesa traçou as fronteiras da actual nação moçambicana e facultou-lhe o elo forte da língua comum. Em Moçambique identificam-se cerca de 16 grupos étnicos significativos. Cada grupo com a sua própria língua.

Craveirinha defendeu intransigentemente a Língua Portuguesa, afirmando:

«A traição não está na língua portuguesa, se pusermos a língua portuguesa ao serviço de Moçambique, a traição é pôr o ronga, o changana, o suaíli, o maconde, etc., ao serviço dos portugueses».

«A língua é um instrumento como o alicate, o tractor, a carabina, a bala, o compasso, o radar. A partir do momento em que os pomos ao nosso serviço passa a ser uma coisa nossa, pertence ao nosso domínio».

A cidade que Craveirinha descreve em **Hamina**, cruza com a cidade da minha memória:

- Seja na referência ao apregoar das amêijoas (ameijoé) pelas ruas da capital e ao portão do meu quintal de infância.
- Seja na referência à partida dos barcos de pesca que iluminam as noites da Baía do Espírito Santo (e o enredo em torno dessa realidade), que povoaram muita da minha imaginação de infância e adolescência.
- Seja na figura da Hamina e do Décio do Bar Luso da Rua Major Araújo, cheia de marinheiros de cabelo claro dos barcos que aportavam ao porto, e que preenchem a minha memória de adolescente já adulto.

O **Grito Negro** de José Craveirinha é um grito de revolta, quando escreve:

**Eu sou carvão!
E tu arrancas-me brutalmente do chão
e fazes-me tua mina, patrão.
Eu sou carvão!
E tu acendes-me, patrão,
para te servir eternamente como força motriz
mas eternamente não, patrão.**

O mesmo grito pode ser ouvido em **Reza, Maria**, quando escreve:

**Suam no trabalho as curvadas bestas
e não são bestas
são homens, Maria!**

Corre-se a pontapés os cães na fome dos ossos
e não são cães
são seres humanos, Maria!

Feras matam velhos, mulheres e crianças
e não são feras, são homens
e os velhos, as mulheres e as crianças
são os nossos pais
nossas irmãs e nossos filhos, Maria!

Crias morrem à míngua de pão
vermes na rua estendem a mão a caridade
e nem crias nem vermes são
mas aleijados meninos sem casa, Maria!

**Do ódio e da guerra dos homens
das mães e das filhas violadas
das crianças mortas de anemia
e de todos os que apodrecem nos calabouços
cresce no mundo o girassol da esperança
Ah! Maria**

**põe as mãos e reza.
Pelos homens todos
e negros de toda a parte
põe as mãos
e reza, Maria!**

Em “Spring of Bullets” (na versão inglesa) torna-se evidente que Craveirinha viveu também intensamente a luta armada pela independência de Moçambique. Transparece também, em minha opinião, um conflito aparente entre a sua natureza humanista e a sua posição intelectual de intervenção identificada com a luta armada pela independência.

Na versão inglesa, podemos ler:

**Hidden in position in the middle of the bush
With my spring of bullets aimed
I make the reddest flowering flowers
Sprout on the dress-jacket of the Captain,
The hard price of our beautiful
Freedom reconquered
With shots!**

Em Craveirinha toca-me particularmente no seu poema **Ao Meu Belo Pai Ex-emigrante** a sensibilidade e a angústia que transparece na sua luta interior entre uma ligação afectiva a Portugal, marcada pela memória do seu Pai, algarvio de nascença, e a sua consciência e vivência africana.

**E na minha rude e grata
sinceridade não esqueço
meu antigo português puro
que me geraste no ventre de uma tombasana
eu mais um novo moçambicano
semiclaro para não ser igual a um branco qualquer
e seminegro para jamais renegar
um glóbulo que seja dos Zambezes do meu sangue.**

Oh, Pai:

**Juro que em mim ficaram laivos
do luso-arábico Algezur da tua infância
mas amar por amor só amo
e somente posso e devo amar
esta minha bela e única nação do Mundo
onde minha mãe nasceu e me gerou
e contigo comungou a terra, meu Pai.**

E onde ibéricas heranças de fados e broas
se africanizaram para a eternidade nas minhas veias
e teu sangue se moçambicanizou nos torrões
da sepultura de velho emigrante numa cama de hospital
colono tão pobre como desembarcaste em África
meu belo Pai ex-português.

mais adiante...

E nestes versos te escrevo, meu Pai
por enquanto escondidos teus póstumos projectos
mais belos no silêncio e mais fortes na espera
porque nascem e renascem no meu não cicatrizado
ronga-ibérico mas afro-puro coração.

**E fica a tua prematura beleza realgarvia
quase revelada nesta carta elegia para ti
meu resgatado primeiro ex-português
número UM Craveirinha moçambicano!**

Rever alguma da obra de José Craveirinha foi mais uma das minhas viagens
a Moçambique.

Uma viagem em que me sinto sempre a meio caminho.

Vergílio Ferreira escreveu:

Uma língua é o lugar donde se vê o Mundo e em que se traçam os limites do nosso pensar e sentir. Da minha língua vê-se o mar. Da minha língua ouve-se o seu rumor, como da de outros se ouvirá o da floresta ou o silêncio do deserto. Por isso a voz do mar foi a da nossa inquietação.

E a voz do Mar deu-nos a Lusofonia.